



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

O Ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro à Luz das Novas Diretrizes Curriculares para o Jornalismo¹

Patrícia Maurício²

Resumo

Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa sobre o ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro no momento em que começam a ser implantadas as novas diretrizes curriculares do MEC para os cursos de Jornalismo. Foi feita uma revisão bibliográfica preliminar sobre a história do ensino do Radiojornalismo no Brasil; uma análise dos documentos relativos às novas diretrizes curriculares; e entrevistas com professores de Radiojornalismo de nove dos 12 cursos de Jornalismo da cidade. Conclui-se que quase todos os cursos estão adaptados ou em processo de adaptação do ensino do Radiojornalismo (e do Jornalismo) às novas diretrizes, e que os professores se interessam por colaborar uns com os outros na melhoria do ensino.

Palavras-chave: Metodologias de ensino. Novas diretrizes curriculares. Ensino de Jornalismo. Radiojornalismo.

1. Introdução

Este artigo resulta do início de uma pesquisa que tem como objetivo estudar como é feito o ensino do Radiojornalismo no Estado do Rio de Janeiro, e como estão sendo implantadas as novas diretrizes curriculares do jornalismo nesta disciplina. Os resultados deste início, apresentados aqui, são referentes apenas ao município do Rio de Janeiro.

¹Trabalho apresentado na modalidade Comunicação Científica, no Grupo de Trabalho Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

²Professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro - RJ. Email: patriciamauricio@puc-rio.br.

O estudo do ensino do Radiojornalismo contribui para identificar pontos fortes e fracos e sugerir direcionamentos para melhorar a qualidade do ensino, levando em conta, além das diretrizes curriculares, o fato de que o mercado jornalístico vem mudando significativamente nos últimos anos e os alunos devem ser preparados para ter sucesso ao ingressar nele. Além disso, a experiência de um professor pode ajudar o outro, as decisões tomadas em um curso de Jornalismo podem ajudar outros, melhorando o nível de ensino como um todo.

A pesquisa se justifica pela importância que o rádio continua tendo para informar a população e, portanto, pela importância da formação do jornalista que atuará em rádio. Embora ainda seja ouvido em casa e em ambientes de trabalho, um grande nicho do público de rádio hoje é o das pessoas que estão se deslocando pelas cidades ou, em grande parte dos casos, estão presas nos cada vez mais demorados engarrafamentos do trânsito.

Pesquisa realizada pelo IBOPE Media, entre janeiro e março deste ano, revelou que o alcance do rádio (quantidade de pessoas que foram expostas ao meio) nas 13 principais regiões metropolitanas do País atingiu quase 52 milhões de brasileiros – total maior do que a população de países como Espanha, Coreia do Sul, Argentina ou Canadá.[...]

Por meio do Target Group Index, outro estudo do IBOPE Media, foi possível apontar o que as pessoas escutam no rádio e 70% dos ouvintes consomem qualquer estilo de programação não musical. Os noticiários locais (50%), nacionais (40%) e de trânsito (35%), bem como os programas religiosos (17%) e esportivos ao vivo (14%), estão entre os gêneros mais ouvidos por esse público³.

O radiojornalismo é grande fonte de informação para estas pessoas. Seu ensino, portanto, deve ser continuamente aprimorado, e, neste momento em que se implantam mudanças nos currículos dos cursos de Jornalismo por conta da Resolução CNE/CES 1/2013 do Ministério da Educação, deve ser estudado à luz das mudanças, as quais, por sua vez, levam em conta as transformações trazidas pela internet para este meio. Seis meses depois da pesquisa citada acima feita pelo Ibope Mídia, a agora Kantar Ibope Mídia divulgava novos dados em artigo:

³ “Rádio é ouvido por 89% de brasileiros”. In: <https://www.kantaribopemedia.com/radio-ouvido-por-89-de-brasileiros/>, 3/7/2015. Acesso em 26/8/2016. As regiões metropolitanas pesquisadas foram São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Florianópolis, Goiânia, Campinas e Vitória.

Ainda que a realidade digital seja recente, o rádio possui em seu DNA atributos de mobilidade desde seu surgimento, há mais de um século.[...] Ao unir essa característica mobile às novas possibilidades geradas pelo consumo online, bem como a recepção do sinal em diferentes tipos de aparelho, o meio rádio ultrapassa as barreiras físicas e tem um novo significado ao ser disseminado no horizonte digital. Sua pluralidade de conteúdo agrada a diferentes gostos e pessoas, uma vez que, considerando todas as formas de consumo de áudio, 78% ouvem música, 34% escutam conteúdos relacionados à emoção e 41% informação. Desta forma, o som permeia todos os ambientes e situações, fazendo com que 93% da população seja impactada por algum formato de áudio, segundo dados do estudo TG.net.

Entre os locais onde mais se escuta rádio estão a casa, o automóvel e o trabalho. Durante a manhã, os ouvintes tendem a consumir o meio em trânsito ou no escritório. À tarde o consumo no trabalho é 38% mais alto do que a média e, à noite, os destaques são o automóvel ou transporte público⁴.

Para fazer esta análise sobre ensino do Radiojornalismo, em primeiro lugar recorri aos documentos sobre as novas diretrizes curriculares, quais sejam: o relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação, o parecer do Conselho Nacional de Educação do MEC sobre o relatório e a resolução do MEC, além de artigo do professor Leonel Aguiar na revista Alceu. Em seguida, iniciei um levantamento bibliográfico do que já havia sido publicado sobre o tema (o qual continuará a ser aprimorado) e, para este artigo, tomarei como base do histórico do ensino do Radiojornalismo no Brasil o capítulo “Gisela Ortriwano e o estudo do Rádio no Brasil”, de Peruchi e Trigo-de-Souza (2008). No caso da situação do ensino do Radiojornalismo pós-internet, utilizo um artigo jornalístico de um dos integrantes da Comissão de Especialistas, Eduardo Meditsch, no site Observatório da Imprensa; uma comunicação apresentada por Meditsch no Intercom, “O ensino do radiojornalismo em tempos de internet” (2001) e a tese de doutorado defendida por Mirna Tonus na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), “Interações digitais: uma proposta de ensino de Radiojornalismo por meio das TIC” (2007).

O passo seguinte foi fazer um levantamento dos cursos de Jornalismo no município do Rio de Janeiro e realizar entrevistas semi-estruturadas com coordenadores dos cursos e/ou professores de Radiojornalismo sobre o ensino da disciplina e a implantação das novas diretrizes curriculares. As entrevistas foram feitas do dia 5 de julho a 9 de setembro de 2016, por e-mail, telefone ou pelo aplicativo de celular WhatsApp, dependendo da preferência do professor entrevistado. O método utilizado

⁴ “De rádio para áudio – A radiodifusão em todos os espaços”. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/de-radio-para-audio-a-radiodifusao-em-todos-os-espacos/>, 6/1/2016. Acesso em 26/8/2016.

foi o de Duarte (2014), de entrevista fechada, com as mesmas perguntas feitas a todos, mas em alguns poucos casos a entrevista se transformou em semi-aberta, pois outras perguntas tiveram que ser feitas para dirimir algumas dúvidas.

Professores de Radiojornalismo e/ou coordenadores de Jornalismo dos 12 cursos de Jornalismo do Rio de Janeiro foram contatados, e nove responderam às perguntas. Nem todos enviaram as ementas e programas das disciplinas, conforme pedido. As ementas e programas estão em arquivo anexo.

2. O ensino do Radiojornalismo

Um dos nomes que servem de referência na história do ensino do Radiojornalismo no Brasil é o de Gisela Ortriwano, que defendeu a primeira tese de doutorado exclusivamente sobre rádio no Brasil e “atuou profissionalmente no jornalismo televisionado e radiofônico durante mais de 15 anos” (PERUCHI & TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 70). Como aluna da então Escola de Comunicações Culturais da USP, futura Escola de Comunicação e Artes (ECA), Gisela foi monitora da disciplina de Radiojornalismo e depois professora até o fim de sua vida. Além disso, segundo Peruchi e Trigo-de-Souza, ela lecionou na Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, tendo integrado a equipe fundadora do curso de Jornalismo, em 1973.

Em 1986, a professora coordenou o “II Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo”, com o tema “Metodologia do Radiojornalismo”, a pedido do então chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, José Marques de Melo. O curso, em nível de pós-graduação, reuniu professores e pesquisadores de oito estados, pela primeira vez, para pensar o ensino do rádio. Dele saiu a Carta do Radiojornalismo, com as seguintes propostas:

- 1 – Estimular o aluno a conhecer e refletir sobre a produção radiofônica atual;
- 2 – Possibilitar a formação de uma visão histórica, prática e crítica do rádio;
- 3 – Desenvolver a capacidade de elaborar novas formas de programas radiofônicos;
- 4 – Preparar o aluno para a prática do jornalismo investigativo;
- 5 – Exercitar a expressão oral: improvisação, locução e interpretação;
- 6 – Atribuir maior carga horária para as disciplinas de rádio nos cursos de jornalismo;
- 7 – Estabelecer simultaneidade entre disciplinas práticas e teóricas, na reformulação do atual currículo de Comunicação Social;

8 – Equipar os cursos com laboratórios de rádio que permitam a capacidade profissional;

9 – Instalar emissoras experimentais para uso dos cursos;

10 – Utilizar as rádios universitárias como laboratórios dos cursos de jornalismo e reivindicar a concessão de canais para as universidades que os tenham;

11 – Criar centros de documentação especializados em rádio;

12 – Implantar uma política de atualização permanente dos professores de rádio.

Todas essas propostas estão inseridas no contexto mais amplo da luta pela melhoria da qualidade de ensino no Brasil que, no caso específico do jornalismo, envolve hoje a busca de uma formação crítica aliada à habilitação profissional. Nessa busca, consideram essencial a manutenção da exigência do diploma para o exercício do jornalismo, como conquista da categoria que se refletiu na valorização profissional.

Finalmente, reivindicam a democratização da política de concessões para exploração das emissoras de rádio em todo o território nacional, reafirmando assim o direito à informação e comunicação que ainda é negado à sociedade brasileira (ORTRIWANO, *apud* PERUCHI & TRIGO-DE-SOUZA, 2008, p. 73).

Em artigo apresentado no Intercom de 2001, Eduardo Meditsch mostra como, naquela virada de milênio, eram comuns entre pesquisadores e profissionais do mercado a previsão de que o rádio iria acabar por conta da internet. Ele queria prevenir que uma confusão se instaurasse no ensino do Radiojornalismo, o qual, em sua opinião, já era relegado a uma mera disciplina perdida e não muito levada a sério em muitas das melhores universidades brasileiras.

São as que continuam pensando o jornalismo como um produto impresso por excelência, e agora pensam a internet como uma transposição do jornalismo gráfico. A escola em que trabalho também já foi assim... Mas as que insistem no modelo, que não chegaram nem mesmo a perceber a passagem do jornalismo eletrônico, vão ser as que mais vão apanhar para pensarem multimídia (MEDITSCH, 2001, p. 2).

O que o pesquisador defendia 15 anos atrás é o mesmo que se pode defender hoje. O ensino do Radiojornalismo como som invisível emitido em tempo real é importante por diversas razões, entre elas a de que quem domina esta linguagem tem mais facilidade em se adaptar à do audiovisual e, na internet, sites de notícias copiam o *know how* do rádio em trabalhar em tempo real e a própria forma de redação das notícias. Acrescento a isso que hoje, em 2016, como Meditsch já previa, o jornalismo de rádio em tempo real continua a ter audiência e importância para o público, tendo como complemento os *podcasts*, inclusive os de comentaristas de grandes emissoras, que ficam disponíveis em seus sites após terem ido ao ar (e este "ao ar" que continua a ser usado se refere, obviamente, não apenas à transmissão analógica por ondas

eletromagnéticas, mas a qualquer forma de transmissão e recepção em tempo real, incluindo a programação das grandes emissoras ouvidas em aplicativos de celular via internet móvel).

Há várias formas de chegar ao ouvinte, mas o conteúdo que será enviado, que inclui a pauta, a apuração da notícia, a redação, locução e edição, estes são a matéria-prima do ensino do Radiojornalismo, e permanecem basicamente os mesmos. De um modo geral, existe hoje uma informalidade maior na locução e na apresentação de noticiários e programas jornalísticos ou no jornalismo *all news*, e também um aumento na participação dos ouvintes com a chegada da internet (que antes já existia pelo telefone), mas isso não alterou o que há de principal no Radiojornalismo, que é levar ao ouvinte, em tempo real, informação de qualidade. E a internet só facilita este trabalho e seu ensino.

É nesse sentido que Mirna Tonus já defendia, em sua tese de doutorado, que o ensino do Radiojornalismo precisava levar em conta as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Como promover a interação por meio das TIC na formação em radiojornalismo? E acrescento: Como proporcionar aos estudantes condições para a aprendizagem da edição digital de áudio? Em que nível a interação e a interatividade com essas tecnologias interferem nessa aprendizagem? Para responder a tais questionamentos, referentes à importância da interação mediada pelas TIC e às estratégias que os alunos empregam para a construção do conhecimento no contato com as TIC, desenvolvi uma pesquisa ação envolvendo alunos do componente curricular Radiojornalismo II da Uniso (TÔNUS, 2007, p. 7).

A pesquisadora conclui que é muito importante o ensino da edição de áudio, naquele momento já necessária para quando chegassem ao mercado de trabalho. Vale lembrar que já não existe mais hoje no mercado a emissora de rádio em que o jornalista sempre tem à disposição um operador de áudio para editar suas matérias, como ocorria antes. Tonus também se utilizou das TIC para interação à distância com os alunos, tanto por e-mail quanto por tecnologias que à época já permitiam interação em tempo real, e considerou o resultado extremamente positivo. Porém, ressalta que cabe “a cada docente estabelecer os dispositivos a serem empregados e como adotá-los, de acordo, inclusive, com a infraestrutura disponível, com seu conhecimento sobre uma ou outra tecnologia e com o envolvimento dos alunos” (2007, p. 188).

A pesquisa-ação de Tonus foi feita em 2005, e de lá para cá a tecnologia só fez se infiltrar cada vez mais no cotidiano do jornalismo, mudando inclusive modelos de

negócios, e sendo um dos motores para a mudança nas diretrizes curriculares do MEC para os cursos de Jornalismo.

3. As novas diretrizes curriculares e o Radiojornalismo

As novas diretrizes curriculares começaram a ser debatidas em 2009 por um grupo de especialistas escolhidos pelo MEC. Foram eles José Marques de Melo, presidente da Comissão de Especialistas, Alfredo Vizeu (UFPE), Carlos Chaparro USP), Eduardo Meditsch (UFSC), Luiz Gonzaga Motta (UnB), Lucia Araújo (Canal Futura), Sergio Mattos (UFRB) e Sonia Virginia Moreira (UERJ). Estas diretrizes vieram fazer um contraponto à Resolução CNE/CES 16, de 13 de março de 2002, que determinou que os Cursos de Jornalismo estariam referenciados pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações”. No entanto, de acordo com o artigo 9º da Lei 9131, de 25 de novembro de 1995, as diretrizes deveriam ser formuladas “para os cursos” (BRASIL, 2009, p. 9). A Comissão de Especialistas afirma que Comunicação Social não é uma profissão, e sim um campo com diversas profissões, enquanto que o Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente, regulamentada e descrita como tal no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho.

Meditsch destacou que o presidente da comissão, em encontro com centenas de professores de Jornalismo e representantes de entidades da área na ECA-USP,

Lembrou que a transformação dos Cursos de Jornalismo em Cursos de Comunicação foi uma imposição da ditadura militar orientada por objetivos da Guerra Fria, e que embora a área acadêmica tenha superado aquelas orientações voltadas para o controle social em seu desenvolvimento histórico, a estrutura dos Cursos de Comunicação com suas habilitações até agora não recuperou o elo entre a produção acadêmica e a prática que foi perdido naquele momento, e em consequência não dá conta de maneira satisfatória das necessidades de formação de jornalistas para atuarem numa sociedade democrática⁵.

Fazendo um histórico do ensino do jornalismo no Brasil, o relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo MEC informa que, após uma tentativa frustrada em 1935, este ensino foi oficializado nos anos 1940, e as primeiras escolas foram

⁵ MEDITSCH, Eduardo. “Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática”. In: Observatório da Imprensa, ed. 787, 25/2/2014. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teorica_e_pratica/. Acesso em 2/8/2016.

autorizadas a funcionar em 1947 (São Paulo) e 1948 (Rio de Janeiro). Aguiar ressalta que, “ao contrário da reivindicação original da categoria, os cursos de Jornalismo foram implementados dentro de faculdades de filosofia, acarretando uma grade curricular com a predominância de disciplinas de formação cultural geral” (2013, p. 168).

No contexto atual, Meditsch afirma que “a norma aprovada no CNE acaba com a ambiguidade entre formar para a prática do jornalismo e formar para a área acadêmica da comunicação, definindo objetivos bem claros e coerentes neste sentido” (op. cit.). Segundo o pesquisador, embora o aluno de Jornalismo precise de uma ampla cultura geral, a qual será adquirida parte na faculdade, e parte numa formação permanente ao longo da vida, a teoria que aprende no curso deve ser mais focada no jornalismo.

Após três audiências públicas no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, e um longo processo de debates, as novas diretrizes curriculares para o curso de Jornalismo foram instituídas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC através da Resolução Nº 1 de 27 de setembro de 2013. De acordo com o Artigo 17, “as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas nesta Resolução deverão ser implantadas pelas instituições de educação superior, obrigatoriamente, no prazo máximo de 2(dois) anos, aos alunos ingressantes, a partir da publicação desta”. Ou seja, como o período letivo começa em agosto, e não em final de setembro, como na resolução, o início da vigência passaria a ser para os alunos ingressantes no primeiro semestre de 2016.

A resolução tem oito páginas e 18 artigos, alguns deles bastante detalhados. Uma análise mais abrangente sobre a necessidade destas novas diretrizes e da criação de um curso específico para o Jornalismo pode ser encontrada em Aguiar (2013). Pretendo me concentrar aqui no que atinge mais especificamente o Radiojornalismo (mesmo sendo decisões que atingem mais de uma disciplina ou a ideia geral do curso). Nesta análise, vamos seguindo a ordem dos artigos da resolução.

Um dos itens do Art. 2º determina “promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular” (BRASIL, 2013, p. 1). Ora, esta integração é algo que sempre precisou existir em Radiojornalismo. Porém, a prática fica muito distante da realidade se não existirem equipamentos. O ensino da prática do jornalismo de rádio necessita de um estúdio, composto pelo chamado aquário (sala com um grande pano de vidro que a separa da sala onde fica o operador de áudio), no qual estão os microfones, mesa e cadeiras, e um tratamento acústico para o áudio não vazar; e do lado de fora do aquário uma mesa de áudio com computador e programa de

edição digital de áudio, para que o material gravado possa ser editado. De preferência esta sala deve ser grande o suficiente, e com cadeiras, para que os alunos possam acompanhar todo o processo de gravação e edição dos trabalhos dos colegas.

Outro item trata da interação entre os alunos e profissionais e fontes, o que pode ser feito através de palestras e visitas a emissoras de rádio. Há também um incentivo à pesquisa e extensão, e pode, então, haver um incentivo, por parte do curso ou dos professores de Radiojornalismo, de estudantes de graduação estudarem o meio rádio nestas pesquisas, inclusive trazendo propostas para o meio, tornando a ciência de fato aplicada.

A decisão do CNE de enfatizar, na formação dos alunos, o espírito empreendedor é um componente interessante para os que quiserem trabalhar com rádio no atual momento de mudança no modelo de negócios do Jornalismo com a chegada da internet. Com um mercado de trabalho que de fato não comporta o número de formandos, é possível que diversos deles possam conseguir se sustentar fazendo programas de jornalismo de qualidade na web. Mas não vamos entrar aqui na discussão da precarização do mercado de trabalho do jornalismo, inclusive no rádio, pois este já seria um outro tema (de suma importância, diga-se).

Preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante é outra exigência das novas diretrizes, e isso demanda dinheiro para equipamentos. É o contexto de vida líquida tão bem descrito por Bauman (2009), no qual a tecnologia de hoje é o lixo do amanhã, e quem ficar parado no gelo fino em vez de seguir sempre em frente acaba afundando.

Uma questão que diz respeito ao jornalismo como um todo, mas à qual o ensino do radiojornalismo deve dar especial atenção, é a de traduzir em linguagem jornalística, preservando-os, conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada. O ouvinte da rádio que vai ao ar ou em *streaming* não tem como voltar para ouvir de novo o que foi dito, por isso é preciso especial atenção no ensino dessa tradução da linguagem técnica, como, por exemplo, em reportagens de economia ou meio ambiente. O treinamento com este tipo de matéria deve ser feito em sala de aula, para que o futuro profissional possa de fato prestar um bom serviço ao seu ouvinte, em vez de apresentar uma matéria com conteúdo raso por não conseguir entender do que se trata ou com linguagem que o ouvinte não entenda.

De acordo com as novas diretrizes, as atividades laboratoriais devem começar já no primeiro semestre, o que é muito bom para os alunos, mas pode vir a ser um complicador para os cursos, que teriam um número bem maior de alunos para usar os laboratórios, precisando aumentar o número de salas dedicadas a eles e a compra de equipamentos.

Vale destacar que a resolução do MEC é toda perpassada pela necessidade de os alunos entenderem a importância da ética e da defesa do interesse público no exercício do Jornalismo.

3.1. O ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro hoje: um levantamento com professores

Para começar uma pesquisa sobre o ensino do Radiojornalismo no Rio de Janeiro e como ele está sendo afetado pelas novas diretrizes curriculares entrevistei professores de Radiojornalismo e/ou coordenadores de cursos de Jornalismo de nove dos 12 cursos do município. As entrevistas foram feitas do dia 5 de julho a 9 de setembro de 2016. Foram feitas perguntas básicas para todos os entrevistados, em alguns casos acrescidas de outras quando necessário para melhor entendimento do tema. As perguntas básicas foram as seguintes:

- Quais são as disciplinas ligadas a Radiojornalismo existentes no curso de Jornalismo?
- Você pode me enviar ementas e programas?
- Houve alguma alteração no ensino do Radiojornalismo a partir das novas diretrizes curriculares do MEC? Se houve, quais foram?
- É exigido que o professor tenha passado pelo mercado de Radiojornalismo ou de Jornalismo?
- Existe alguma dificuldade para o ensino/aprendizagem do Radiojornalismo em seu curso?
- Quais são os equipamentos utilizados?
- É feito algum tipo de acompanhamento do mercado para adaptar o ensino a alguma mudança externa? Em caso positivo, como isso é feito?

Os entrevistados foram os professores Marcelo Kischinhevsky, da Uerj; André Luiz Cardoso, professor da Universidade Castelo Branco e coordenador e professor da

Pinheiro Guimarães; Felipe Santos, do Centro Universitário Carioca –UniCarioca; Gabriel Collares Barbosa, da ECO/UFRJ; Monica Nunes, da Universidade Veiga de Almeida; Lúcia Santa Cruz, da ESPM e Leandro Lacerda, do Ibmec. Sobre a PUC-Rio, eu mesma falo. Ficaram faltando a Universidade Estácio de Sá, a FACHA e a Unisuam, cujos professores contatados ainda não deram retorno, mas que ainda pretendo entrevistar para a continuidade desta pesquisa.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), o currículo antigo tinha uma única disciplina, Radiojornalismo, com 90 horas-aula (seis tempos semanais). Com o currículo novo, implantado no início de 2015, o número de disciplinas aumentou para até cinco. Três são obrigatórias: Comunicação em Rádio (2º período, para Jornalismo e Relações Públicas - 60 horas-aula, ou quatro tempos semanais), Radiojornalismo (4º período - só pra Jornalismo - 60 horas-aula) e Laboratório de Radiojornalismo (6º período - também só pra Jornalismo - 45 horas-aula, ou três tempos semanais). Além disso, o aluno escolhe uma entre duas ou mais opções de eletivas para cursar. Uma é Estágio Curricular Supervisionado - Áudio (3º período em diante - 120 horas-aula para o aluno e 60 para o professor) e a outra, Trabalho de Conclusão de Curso - Rádio e TV (8º período - 180 horas-aula para o aluno, 60 para o professor).

Com o novo currículo, a Uerj terá mais um professor de rádio. De acordo com o professor Marcelo Kischinhevsky, “o concurso está em andamento para publicação, se a crise deixar”, referindo-se à crise financeira do governo do Estado do Rio. No momento, a Uerj tem uma professora-substituta, mestranda em Comunicação, com experiência profissional. Para o professor efetivo, o edital do concurso pede três anos de experiência na área.

Na Universidade Veiga de Almeida (UVA, mais conhecida como Veiga), a professora Monica Nunes conta que há atualmente dois currículos convivendo, por causa das novas diretrizes do MEC. O novo currículo foi implementado em 2015.1. No currículo antigo, havia Radiojornalismo, no 5º período, e Laboratório de Radiojornalismo, no 6º. No currículo novo da Veiga, Radiojornalismo é no 4º período e Laboratório de Radiojornalismo virou Projeto Interdisciplinar em Jornalismo II – Rádio, no 5º período, que, segundo Monica Nunes, nada mais é que Laboratório de Radiojornalismo. “A Universidade Veiga de Almeida ia ser comprada por outra empresa e teríamos que usar essa nomenclatura. O negócio não foi fechado, mas o nome ficou”, explicou. Em uma disciplina introdutória é dada história do rádio.

O professor André Luiz Cardoso respondeu pela Universidade Castelo Branco, onde é professor, e pela Faculdade Pinheiro Guimarães, onde é coordenador e professor. Em ambas existem as disciplinas de Radiojornalismo I e Radiojornalismo II. Na Pinheiro Guimarães, ele é ainda orientador de TCC, e os alunos têm a opção de defender um projeto prático. “Eles produzem um projeto de um programa de rádio, mas que tenha um apelo que esse projeto possa apresentado a uma emissora de rádio futuramente”, contou. Segundo ele, na Pinheiro Guimarães as mudanças já vêm sendo feitas, principalmente com as mídias digitais e também com a participação de ouvintes pelas redes sociais e por aplicativos de mensagens e áudios para celular. Na Unicarioca, as disciplinas são Radiojornalismo e Jornalismo Esportivo. O professor Felipe Santos ainda não estava a par das novas diretrizes curriculares. “O período 2016.1 acabou de terminar e ainda seremos orientados a aplicar essas novidades”, disse.

Na UFRJ, existe a disciplina Radiojornalismo e uma eletiva para a área, mas ainda não houve mudanças por conta das novas diretrizes curriculares. No entanto, segundo Gabriel Collares, a ECO trabalha para implementar as mudanças no segundo semestre de 2016, e o curso de Jornalismo como um todo passará por reformas para se adequar às diretrizes do MEC.

Na ESPM, existe na grade atual uma disciplina de teoria e prática de Radiojornalismo, chamada Redação, Métodos e Práticas II (rádio), mas, de acordo com a professora Lúcia Santa Cruz, “em várias outras disciplinas a produção de Radiojornalismo é transversal”. O curso de Jornalismo da ESPM já nasceu independente e não como uma habilitação de Comunicação Social. Com isso, praticamente já estava adaptado às novas diretrizes curriculares do MEC. O mesmo ocorreu com o curso do Ibmec, que tem a disciplina Radiojornalismo no 3º período.

A PUC-Rio tem três disciplinas na área, além de Comunicação em Rádio, no 3º período, que serve para os alunos de Jornalismo, Publicidade e Cinema. As disciplinas específicas para Jornalismo são Radiojornalismo, no 5º período, Edição em Radiojornalismo, no 6º (na qual, ao mesmo tempo em que fazem reportagens, eles aprendem a editar matérias no computador) e Laboratório de Radiojornalismo, no 7º período.

Na PUC, o currículo foi modificado em 2005 levando em conta a internet e a digitalização dos meios, e por isso muito do que está nas novas diretrizes do MEC já estava sendo feito. Em alguns casos pontuais, haverá uma pequena modificação nas

ementas e programas de disciplinas, atualmente em fase de aprovação. Nas disciplinas de Radiojornalismo não será preciso haver modificação.

Outra questão colocada para os professores de Radiojornalismo foi se o curso exige que o professor tenha passado pelo mercado de Radiojornalismo ou de Jornalismo. Monica Nunes, da Veiga de Almeida, disse que o ideal é ter professores que tenham vindo do mercado e que ao mesmo tempo sejam acadêmicos. “Eu, por exemplo, trabalhei na Rádio Tupi e na Globo/CBN. A gente busca um profissional que seja completo, que nem sempre é fácil de encontrar, porque geralmente quem é de mercado não tem tempo de estudar”, explicou.

Gabriel Collares informou que na UFRJ também não há essa exigência. “Os professores possuem projetos de extensão na área e convênios que complementam uma eventual inexperiência no mercado”, disse ele. Nem na Castelo Branco nem na Pinheiro Guimarães há uma exigência em relação a experiência no mercado, mas André Luiz Cardoso afirma que um professor que tenha trabalhado em rádio tem muito mais chance de levar esse conhecimento para sala de aula do que aquele que não tenha passado pelo veículo. “Eu, por exemplo, tenho uma grande experiência em jornalismo de rádio. Durante esses 30 anos de jornalismo, passei pelas principais emissoras de rádio do Rio de Janeiro e nelas atuei como apurador, repórter, redator, editor, chefe de reportagem, coordenador de jornalismo”, contou. Segundo o professor, como ele conhece o perfil das emissoras onde trabalhou e sabe da necessidade de cada uma delas em relação ao seu profissional, sempre é procurado pelas chefias de jornalismo das emissoras de rádio para indicação de alunos para estágio e contratação. No Ibmecc também não há exigência de experiência no mercado, mas sim que o professor tenha conhecimento teórico e prático do jornalismo de rádio.

Felipe Santos, da Unicarioca, disse não saber dizer se a universidade exigia esta experiência, mas ele afirma que, em sua visão, isso é uma obrigação moral: “É o mínimo que se pode exigir do docente da área”. Na ESPM, de um modo geral, a orientação é que em disciplinas de natureza prática os professores têm que ter experiência de mercado além de formação acadêmica. “Desde o início do curso de Jornalismo todos os professores da disciplina de rádio passaram pelo mercado de radiojornalismo”, explicou Lucia Santa Cruz. Todos os professores das disciplinas de Radiojornalismo da PUC também vieram do mercado (ou estão nele), sendo que alguns têm mestrado e/ou doutorado e outros não.

A pergunta seguinte foi se existe alguma dificuldade para o ensino/aprendizagem do Radiojornalismo. Monica Nunes resume uma questão que considero ser da faixa etária, mas que não deveria ocorrer com alunos de Jornalismo – mas também ocorre com a maioria dos alunos de 5º período da PUC: eles não ouvem rádio. “Se informam pelas redes sociais, que eles acham que é tudo verdade, e a gente tem que mostrar que não é. Tem alunos que ouvem por causa do esporte”, relata Monica. Ela faz parte do GP de Rádio do Intercom e conta que sempre leva os alunos à Rádio BandNews para ver como é a redação, o estúdio, e então eles se apaixonam. “Temos vários alunos que estão estagiando em rádio”, diz.

Para Gabriel Collares, na UFRJ os problemas são o espaço físico inadequado, compartilhado com outras disciplinas que não se relacionam à prática do Radiojornalismo, e a falta de política administrativa para aquisição e manutenção de equipamentos. André Luiz Cardoso, da Pinheiro Guimarães e Castelo Branco, concorda com Monica Nunes e diz que “os mais jovens não têm o hábito de ouvir rádio e muitos dizem que essa prática era feita por seus avós. Então procuro despertar esse interesse para que possam conhecer”.

Felipe Santos, da Unicarioca, acredita que a grande dificuldade é fazer os alunos entenderem a importância do texto no rádio, até mesmo para o improvisado. Mas o entrave maior, segundo ele, é o fato de a geração atual não ouvir rádio. “Um sintoma da própria crise que o veículo atravessa, buscando se reinventar. Então, é muito difícil ensinar sem que o aluno tenha referências. Tento, sempre, incentivar que eles descubram que o rádio vai muito além da música”, explica.

Para Lucia Santa Cruz, da ESPM, as dificuldades estão associadas com a percepção negativa que os estudantes têm, *a priori*, do meio rádio. “Percebo que a cada ano são menos alunos que ouvem espontaneamente rádio, e os que fazem dão preferência a emissoras musicais. Logo, é preciso romper uma barreira do desinteresse e do preconceito para que os estudantes se envolvam com a disciplina”, diz ela, fazendo coro com outros professores acima. Leandro Lacerda diz que não há dificuldades, pois os laboratórios são bem equipados e alunos chegam com muita vontade de praticar.

Na PUC, não considero a falta de intimidade com o meio rádio como um problema, pois eles passam a se interessar depois. A maior questão é que parte dos alunos chega ao 5º período com problemas de gramática vindos dos ensinamentos Fundamental e Médio, e que não foram totalmente sanados em disciplinas anteriores. Alguns ainda têm problemas de interpretação de texto, e não sabem o que é importante

usar na matéria e o que pode ser jogado fora dentro dos critérios jornalísticos, e isso tem que ser bastante trabalhado na disciplina, além das questões específicas do Radiojornalismo.

Sobre os equipamentos utilizados, Monica diz que na Veiga os alunos têm aula no estúdio, fazem gravações, posicionamento no microfone e existe uma mesa de edição usando o programa Sound Forge. “Não temos web rádio, mas boto o material no site da agência da Veiga, para eles terem portfólio. Mas eles editam em casa, se viram, principalmente usando o programa Audacity”, explica. Na UFRJ, existe uma mesa de som de oito canais; microfones Shure, pedestais (incluindo de mesa), dois computadores, MD player, CD player, gravador de rolo e gravadores digitais Tascam.

André Luiz diz que na Castelo e na Pinheiro Guimarães há microfones e telefones fixos e celulares para gravação de reportagens. Gravações em estúdios são feitas diretamente da mesa de áudio para programas de computadores de edição de áudio e mixagem. A Unicarioca está montando um novo estúdio, mas hoje dispõe de gravador, microfones e ilha de edição. A ESPM, segundo Lucia, tem “um estúdio de Radiojornalismo com quatro posições de microfone e mais um estúdio de áudio, além de gravadores digitais”. O Ibmec tem microfones uni e multidirecionais, mesa de áudio digital, computador da Apple para gravação e edição e gravadores digitais.

A PUC tem algumas instalações para o Radiojornalismo. A primeira disciplina utiliza o estúdio de rádio, com aquário (com microfones fixos e outro desmontável utilizado para mesas redondas) e sala com cadeiras para os alunos (não para todos, se a turma estiver toda na sala) e mesa de áudio e edição em dois computadores com o programa *Sound Forge*. Estagiários treinados fazem o papel de operadores de áudio. Este e outro estúdio anexos são utilizados para o programa de estágio em rádio que será descrito adiante. As aulas de Edição em Radiojornalismo e Laboratório em Radiojornalismo utilizam, além do estúdio para gravação, salas com um computador por aluno com programa de edição.

A última pergunta foi se é feito algum tipo de acompanhamento do mercado para adaptar o ensino a alguma mudança externa. Monica, da Veiga, conta que, “nas visitas técnicas que fazemos os alunos veem que o repórter faz a pauta, apura, edita. Tem que saber fazer tudo”. Na UFRJ, Gabriel informa que o professor da disciplina convida palestrantes, realiza visitas à emissoras de rádio e participa de congressos e eventos científicos. O conteúdo programático da disciplina é atualizado semestralmente.

Na Pinheiro Guimarães e na Castelo o professor André Luiz diz que procura preparar o aluno para as exigências do mercado de trabalho. “E penso que isso vem dando certo, pois temos servido de referência, com muitas emissoras procurando os alunos para estágio e trabalho”, garante Felipe, da Unicarioca, considera fundamental que as tendências do Radiojornalismo sejam aplicadas em sala de aula, e por isso conta que procura trazer sempre a discussão sobre a convergência para a sala de aula, incentivando a leitura de estudos recentes sobre o tema e incentivando os estudantes a buscar novos formatos, explorar o uso de trilhas, vinhetas, som ambiente etc. “Sem esquecer que a essência do bom jornalismo é correr atrás de boas histórias. Essa matéria prima é imprescindível”, conclui.

Na ESPM, “a disciplina tem sido pensada muito mais como jornalismo de áudio do que jornalismo específico de um determinado meio de comunicação”, afirma Lucia. É dada ênfase ao *podcast*, às possibilidades de jornalismo de áudio online, à convergência. Além disso, são feitas visitas técnicas a emissoras de rádio, desde as *all-news* a rádio estatais e populares. Leandro, do Ibmec, diz que, por trabalhar na CBN e perceber algumas lacunas existentes em profissionais jovens que chegam à empresa, tenta ajudar a aplicar, na prática, conceitos que, muitas vezes, os alunos viram apenas na teoria.

Na PUC, alguns professores levam os alunos a emissoras de rádio, e existe um contato informal com o mercado para indicação de estagiários. Os professores estão sempre acompanhando o que está sendo feito no mercado – e há os que trabalham nele. Além disso, programas feitos por alunos vão ao ar em emissoras do Rio de Janeiro.

Um dos itens das novas diretrizes curriculares recomenda utilizar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, permitindo assim ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais. Desde 1987 a PUC-Rio tem o Projeto Comunicar, ligado à Vice-Reitoria Comunitária mas gerido por professores e um chefe do Departamento de Comunicação Social. Além da TV PUC, Jornal da PUC, Assessoria de Comunicação, Agência de Publicidade e Editora, o projeto tem o programa de estágio em rádio, a Rádio PUC⁶ (em 2016 houve uma fusão do Comunicar com o Portal da PUC). São 122 estagiários no Comunicar e 24 em rádio. A rádio tem uma página no site do Projeto Comunicar, que inclui *podcasts* de notícias (chamados por foto e um pequeno texto que equivaleria à cabeça se a reportagem fosse ao ar); o programa

⁶<http://www.radiopuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

jornalístico Revista Jovem, que também é veiculado na Rádio Catedral FM todos os sábados; o programa Memória Musical, com perfis de músicos (o acervo já conta com 50 instrumentistas brasileiros entrevistados); o Conecta, um programa voltado para ciência e tecnologia e que é veiculado em um sábado por mês na rádio CBN; os noticiários Jornal da Manhã e Jornal da Tarde, com notícias do dia; e música instrumental brasileira com transmissão ao vivo 24 horas.

4. Conclusão

As universidades concorrem entre si, ou por terem a melhor nota do MEC, ou, no caso das particulares, também por número de alunos pagantes. Porém, o objetivo deste trabalho é que haja cooperação entre os cursos de Jornalismo, e especificamente entre os professores de Radiojornalismo, para que a troca de experiências possa levar à melhoria na educação como um todo, que é o objetivo maior de todos nós que acreditamos na importância do ensino. A colaboração dos professores das diversas universidades nas respostas ao questionário mostra que este é, de fato, um objetivo comum.

O que podemos observar pelas respostas é que as novas diretrizes curriculares ainda não estão universalizadas, mas a maioria dos cursos de Jornalismo do Rio já adotou ou falta pouco para adotar completamente as regras da Resolução do MEC. Alguns cursos não têm equipamentos suficientes, mas a principal reclamação no que diz respeito ao ensino é em relação à falta de intimidade dos alunos com o meio rádio. Na minha experiência, e em vários relatos acima que tratam de estágios em rádio, percebo que muitos se apaixonam pelo meio ao começar a estudá-lo e a praticar. Há muitos ex-alunos da PUC-Rio trabalhando ou que já trabalharam em rádio, por exemplo, inclusive diversos em cargos de chefia.

Praticamente todos os professores (em alguns casos, por orientação dos cursos) consideram fundamental que o professor de Radiojornalismo tenha passado pelo mercado de trabalho. Acredito também que é apenas desta forma que o professor consiga responder a algumas perguntas sobre como superar problemas que só quem passou pela prática tem condições de responder (ou se antecipar a essas perguntas já explicando sobre problemas que podem ocorrer no dia a dia). No ensino de Radiojornalismo não basta transmitir a técnica – que é bastante importante – e praticar.

É preciso, através dessa prática, refletir sobre o conteúdo do jornalismo, a quem serve, e como o jornalista de rádio pode servir ao interesse público enquanto fala para ouvintes que, em geral, estão também prestando atenção no trânsito, nas panelas no fogão ou qualquer outra coisa que possa concorrer com a informação que está sendo passada. A técnica de ser claro e direto é importantíssima, mas a ética que serve de base ao trabalho precisa estar sempre presente. E quero encerrar com uma provocação ao ensino da imparcialidade. Vale lembrar Boaventura Santos (2007) e transpor para o jornalismo o que ele diz sobre a ciência, ambos baseados no mesmo positivismo: devemos ser objetivos, mas não neutros, pois vivemos em sociedades muito injustas em relação às quais não podemos ser neutros.

5. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Leonel. “As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo”. In: Alceu – n.27 – jul./dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2.ed.rev. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CARVALHO, Juliano Maurício de & MAGNONI, Antônio Francisco. “Polifonia pedagógica: reflexões sobre o ensino de Radiojornalismo na era digital”. In: ETD – Educação Temática Digital, v.8, n.2, p. 176-191, jun. 2007 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/view/1770/1612>. Acesso em 25/08/2016.

DUARTE, Jorge. “Entrevista em profundidade”. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. 7. reimp. São Paulo: Atlas, 2014.

MEDITSCH, Eduardo. “O ensino do radiojornalismo em tempos de internet”. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2001. Comunicação ao Núcleo de Mídia Sonora. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-ensino-do-radiojornalismo.pdf>. Acesso em 19/8/2016.

_____. “Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática”. In: Observatório da Imprensa, ed. 787, 25/2/2014. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teorias_e_pratica/. Acesso em 2/8/2016.

PERUCHI, Ricardo & TRIGO-DE-SOUZA, Ligia Maria. “Gisela Ortriwano e o estudo do Rádio no Brasil”. In: MEDITSCH, Eduardo & ZUCULOTO, Valci (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Volume II. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TONUS, Mirna. **Interações digitais: uma proposta de ensino de radiojornalismo por meio das TIC(2007)**. Disponível em: [http://web2brasil.pbworks.com/f/tese Interacoes+digitais Mirna+Tonus setem bro 2008 renumerada.pdf](http://web2brasil.pbworks.com/f/tese_Interacoes+digitais_Mirna+Tonus_setembro_2008_renumerada.pdf). Acesso em 02/08/2016.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo: Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação, 2009. In: <file:///C:/Users/COM/Documents/Novas%20diretrizes%20curriculares%20Jornalismo/Relatorio%20Comissao.pdf>. Acesso em 2/2/2016.

_____. Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. (Resolução CNE/CES 1/2013). In: Diário Oficial da União, Brasília, 1° de outubro de 2013 – Seção 1 – p. 26.